

A revalorização do africano¹

Prof. Doutor
Luís Manana de Sousa

Doutorado
em Filologia Portuguesa
e Hispânica
pela Universidade
da Corunha;

Ttítular
de Pós-graduação
em Economia
e Sociologia
do Espaço Lusófono
pela Universidade
Lusófona
de Humanidades
e Tecnologias;

Licenciado em Línguas
e Literaturas Modernas
(variante Português
e Francês)

Bacharel em Filologia
Românica,
pela Faculdade
de Letras da Universidade
de Coimbra

RESUMO

O tema apresentado neste artigo problematiza a questão básica do papel da literatura na construção da identidade “nacional”, no desenvolvimento da identidade política e cultural de um moderno estado - nação como Moçambique.

A Literatura é a componente central da identidade cultural de todos os modernos estados-nação. Antes da independência, os escritores africanos nas colónias portuguesas puderam expressar algumas formas de autonomia cultural, ainda que tivessem cuidado com a censura – como é evidente na poesia do moçambicano José Craveirinha e Noémia de Sousa, ambos mostrando no seu trabalho, uma consistente fonte de inspiração e influência dos temas dos movimentos negros norte-americanos.

Palavras-Chave: construção, identidade “nacional”, escritores africanos.

ABSTRACT

The subject presented in this article raises the basic question of the role of literature in the construction of the “national” identity, in the development of the cultural and political identity of a modern nation-state like Mozambique. Literature is a central component of the cultural identity of all modern nation-states. Before independence, African writers in the Portuguese colonies could express some form of cultural autonomy, even if they had to be mindful of censorship - as is evident in the poetry of the Mozambican José Craveirinha and Noé-

¹ Comunicação proferida pelo Professor Luís Manana de Sousa, integrada no 6º painel sobre “O Fascínio pela Cultura Lusófona”, no I Congresso Internacional da África Lusófona que decorreu na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 24 de Maio pelas 15h.



mia de Sousa, both display in they work consistent North American black themes, as a source of inspiration and influence.

Key Words: construction, “national” identity, African writers.

A revalorização do africano

«(...) la nécessité impérieuse de procéder à une redécouverte de la vérité historique et à une revalorisation des cultures noires (...) invite artistes, écrivains, théologiens, penseurs, savants et techniques à participer à cette tâche historique de faire revivre, de réhabiliter et développer ces cultures afin de favoriser leur intégration à l'ensemble de la culture africaine».²

Da época pré-colonial ao colonialismo

Os negros irão ocupar-se da pesquisa da sua história e cultura ancestral, contribuindo para a construção da própria identidade nacional e do continente. O conhecimento da história da África (pré-colonial e colonial), incluindo o seu património documental e a memória, torna-se no modo de construir uma identidade, opondo-se ao vazio histórico e civilizacional a que o colonialismo durante séculos votou os africanos (a obra de Léo Frobenius: "*La civilisation africaine*", traduzida do alemão para o francês, constitui um autêntico atestado de maioridade histórica do continente, tendo uma enorme repercussão): chama-se a atenção para a antiguidade e valia das instituições africanas, para o próprio desenvolvimento da civilização universal (o Egipto negro, como precursor natural da civilização grega³).

A valorização cultural tornou-se numa prática importante no quadro da desvalorização e negação a que os negros tinham sido sujeitos. Historicamente, áreas importantes da África sub-sariana tinham-se familiarizado com a escrita e a literatura escrita muito antes

² 1er Congrès International des Écrivains et Artistes Noirs, Paris, Sorbonne - 19-22 septembre, 1956, in *Estudos Ultramarinos*, Lisboa, 1959, nº3, pp. 251-267.

³ Vide DIOP, Cheik Anta, *Nations nègres et culture*, 2 vols., Paris, Presence Africaine, 1979, 3ª ed.

de o primeiro homem branco alcançar as suas costas. Pelo menos uma parte do continente produzira já obras escritas nas suas próprias línguas, ainda na europa ocidental não tinham aparecido as primeiras literaturas em línguas celtas e germânicas. Tratava-se da Etiópia, invadida no início da era cristã por tribos semitas do sul da Arábia, trazendo com elas um alfabeto próprio, gradualmente adaptado à transcrição da língua etíope local, conhecido pelo nome de *Ghe'ez* e que durante vários séculos se manteve como o único agente do pensamento religioso, da cultura e da escrita literária⁴.

Por volta do século XIV, surgiu uma literatura vernácula, numa língua que veio a chamar-se Velho Amárico, sendo a sua principal fonte de inspiração secular.

Uma segunda vaga de alfabetização surgiu em África com a conquista muçulmana, durante os primeiros séculos depois da hégira. Na África Oriental, a integração de imigrantes de origem árabe na sociedade nativa criou uma cultura híbrida com uma língua - não árabe: o swahili. Subsiste documentação da literatura swahili que remonta aos princípios do século XVIII, sendo a sua principal característica a predominância da poesia narrativa.

Na África Ocidental, a literatura muçulmana desenvolveu-se segundo um padrão completamente diferente, podendo-se descortinar dois estádios na evolução histórica desta literatura. Até finais do século XVIII, a língua árabe continuava a ser o único meio literário⁵, facto que levou à emergência de Tombuctu⁶ como um famoso centro de erudição islâmica durante os séculos XIV, XV e XVI, bem como à composição de um elevado número de manuscritos que abordavam,

⁴ Esta língua sagrada ainda hoje é usada pelos escritores conservadores, sobretudo na composição de hinos, de tratados teológicos e de outras obras religiosas.

⁵ A África Ocidental negra fora originalmente convertida ao islão pela dinastia berbere dos almorávidas, no século XI, tendo o islão sudanês herdado a forte tendência fundamentalista que caracteriza a religião berbere.

⁶ "Reinos negros, altamente desenvolvidos, já existiam em várias partes de África há centenas de anos (...) alguns dos reis negros e seus nobres viviam em grande opulência e esplendor. Suas capitais, às vezes tornaram-se centros de cultura e comércio. Entre 1200 e 1600, floresceu uma universidade negro-árabe em Tombuctu, na África Ocidental, e tornou-se famosa por toda a Espanha, África do Norte, Médio Oriente", in *The World Book Encyclopedia*, vol. 14, 1973, pp. 106-107.

em verso árabe, as principais disciplinas da cultura muçulmana. Porém, no século XVIII, a tendência fundamentalista do islão assumiu um carácter de proselitismo e fez-se sentir a necessidade de facultar ao povo a cultura muçulmana nas suas próprias línguas⁷. Assim surgiram diversas literaturas, conhecidas por *ajami*, ou seja, que utilizavam o alfabeto árabe para línguas não árabes (o fulani, o hausa no norte da Nigéria e o wolof no Senegal). Estas culturas muçulmanas da África negra têm demonstrado uma invulgar resistência ao impacto europeu, como nos refere o professor Francisco Salinas no seu livro *Rosto Negro: "a colonização foi incapaz de aculturar regiões inteiras do continente africano, ou riscar de vez os traços duma tradição de escrita que, tendo alcançado extraordinários níveis em termos de qualidade, e, nomeadamente em termos de normalidade cultural, hoje parece que se pretendem reduzir - nas mentes ocidentais - a meros episódios sem qualquer valor que não seja folclórico ou arqueológico, quando não são simplesmente ignorados."*⁸

A mudança para uma situação de estagnação deveu-se ao colonialismo, especialmente ao comércio escravista: *"desorganizou a cultura e a indústria negras, parou o desenvolvimento da arte, derubou governos e foi a causa da moderna estagnação da cultura, que marcou o Continente Negro desde 1600"*⁹. A magnitude do comércio escravista, sobretudo pelo seu impacto sobre a sociedade africana, é de abalar os nossos sentidos; segundo The New Encyclopedia Britannica, 1976: *"cálculos sobre os escravos enviados para o outro lado do Atlântico vão de trinta milhões a cem milhões"*¹⁰.

O modo de vida ancestral foi preservado, uma vez que o grupo étnico¹¹, em sentido restrito, grupo social estruturado segundo uma coesão baseada na tradição e no fechamento culturais, permitiu essa perservação¹², embora a visão etno-antropológica tenda a observar

⁷ Vide Ngandu Nkashama, Pius, *Littératures et écritures en langues africaines*, Paris, Harmattan, 1992.

⁸ Salinas Portugal, Francisco, *Rosto Negro - O contexto das Literaturas Africanas*, Santiago de Compostela, Edições Laiovento, 1994, p. 129.

⁹ Encyclopedía americana, vol.20, 1927, p. 47.

¹⁰ Ki-Zerbo, G., *Historia del Africa Negra*, vol. 2, Alianza Editorial, Madrid, 1980, p. 317.

¹¹ Conceito menos amplo do que o de «raça», englobadora de vários grupos étnicos

¹² Bernardi, Bernardo, *Introdução aos estudos etno-antropológicos*, Lisboa, Ed. 70, 1982, pp. 60-66.

os grupos sociais como excrescências desintegradas e alheias do mundo moderno. Ora, quer ainda em vigência do colonialismo, quer durante a colonização, aquelas sociedades viram os seus mundos ameaçados, desenvolvendo-se uma desintegração progressiva do seu fechamento e equilíbrio, a partir dos contactos com outros mundos (europeu, americano, árabe, hindu, etc.). Após a Segunda Guerra Mundial, seguiu-se um período de desintegração colonial, interessando-se as correntes antropológicas por outras direcções, estabelecendo outros objectos, constituindo-se como ciência do homem e não dos referidos grupos sociais, considerados «primitivos», o que foi, lucidamente, questionado por Alfredo Margarido no seu estudo «*le colonialisme portugais et l'anthropologie*»¹³: «Prise en tenaille entre deux mouvements, l'anthropologie a été placée dans l'impossibilité de parvenir à systématiser les informations sur les structures des populations dominées (qui ne sont jamais des populations vaincues) par les Portugais. Mais cela correspond aussi à une tentative d'élimination radicale de ces valeurs et de leur portée politique. Certes il y eut et il y a encore une production anthropologique, mais elle n'est que la tentative colonialiste de déplacer vers un terrain soi-disant culturel des problèmes exclusivement politiques. Il faut peut-être en conclure que l'anthropologie portugaise est morte.»

A Antropologia é tida como um alibi científico, sem grande função real, ao serviço do governo português, cujo projecto essencial da colonização era substituir os valores culturais, políticos e económicos das populações autóctones: tenta-se deslocar para um terreno pretensamente cultural os problemas exclusivamente políticos, e, assim, o discurso da desvalorização do Outro, considerado «primitivo», não deixa de ser revelador da «*nossa própria mesquinhez cultural*»¹⁴.

Para toda a literatura africana, em geral, o contributo dos historiadores tornou-se imprescindível, pois constroem ou ajudam a construir a própria história moderna dos seus países e do continente, elegendo a história e a cultura ancestral como temas privilegiados.

¹³ Margarido, Alfredo, in *Anthropologie et Impérialisme* (sob a direcção de J. Copans), Paris, 1975, pp. 307-344.

¹⁴ Henriques, Isabel Castro, «Re-História da África», in *O Lugar e o Papel das Ciências Sociais*, Ed. Lusófonas, Lisboa, 1992, p. 233.

São levadas a cabo investigações em torno da ancestral história dos africanos¹⁵. Conhecer a história de África (pré-colonial e colonial), incluindo o seu património documental e a memória, mesmo dos soberanos e seus poderes absolutos¹⁶, tornou-se um modo de construir uma identidade, em oposição à imagem do vazio histórico e civilizacional que o colonialismo durante séculos divulgou. A valorização cultural tornou-se uma prática importante no quadro da desvalorização e negação a que os africanos tinham sido sujeitos, «*A revalorização cultural significará dois factos. Primeiro um olhar novo sobre as civilizações pelas quais o africano é responsável, olhar esse que permitirá refutar a acusação de 'povos sem história, 'sem arte', 'fora' da história ou da civilização. Em seguida, a demonstração da capacidade dos elementos de civilização africana para darem vida a culturas específicas, na nossa época de grande mutação e de crise*».¹⁷

As crenças e os costumes tribais são reinterpretados, no objectivo de um reconhecimento cultural do legado ancestral, acedendo, por essa via, à legitimação do enraizamento¹⁸. A revelação da África aos africanos só era possível se, em simultâneo, fosse mostrada a falsidade da versão histórica fornecida pelos europeus. A questão de a revelação da África aos europeus, através das descobertas e da colonização, ser também uma revelação diferente para os africanos, ambos construindo progressivamente uma imagem recíproca, válida a construção laboriosa de um código histórico que se baseia na ironia e na desmontagem da versão colonial da incipiência do africano, deturpando a sua imagem para justificar a colonização. José Craveirinha e Noémia de Sousa, numa determinada fase da sua poética, revelam em alguns dos seus poemas o peso da consciência histórica («*África*», «*Sangue negro*» e também na colectânea *Manifesto*). Enraíza-se «*o poético no real, com os procedimentos retóricos cuja inspiração não levaria, em tese, ao corte radical com o discurso de outro género, o da História, para encurtar o passe entre a realidade e a ficção*»¹⁹.

¹⁵ Diagne, Pathé, *op.cit.*, pp. 146-153.

¹⁶ Vansina, apud Ziegler, *op. cit.*, p. 186, dá um quadro dos métodos concretos que as sociedades africanas tradicionais têm para a transmissão das tradições.

¹⁷ Idem, *ibidem*, p. 145

¹⁸ Hausser, Michel, "L'Afrique et les Africains", *Pour une poétique de la négritude*, vol. 1, Paris, Silex, 1988, p. 33.

¹⁹ Santilli, Maria Aparecida, «*Poesia e praxis na obra de Agostinho Neto*», in *Letras de Hoje*, 80 (Junho de 1990), Porto Alegre, PUC/RS, 1990, p. 55.

Umberto Eco fala de «proposições históricas»²⁰, a respeito dos signos que, no texto, estruturam o sentido da História, em termos de datação, factualidade e interpretação.

A presença constante da História combate as versões colonialistas, que fazem emergir das trevas e do silêncio as civilizações e os reinos antigos. As datas, os protagonistas da História, a distinção dos tempos colonial, pré-colonial e pós-colonial, numa correlação de importâncias, da importância dos seus significados, perfazem os signos desse código que estrutura a sequencialidade do tempo e hierarquiza os eventos e as forças históricas em presença.

O tráfico de escravos, por exemplo, nunca foi assumido até as abolições,²¹ e mesmo depois, como um crime hediondo²² que tinguisse de sangue e culpa as mãos e as consciências dos europeus. O escravo nunca é metáfora na literatura africana, mas referência literal, ou é-o de contratado e de explorado. Para as autoridades coloniais (também controladoras da actividade literária), eram temas-tabus a escravatura, o contrato, o racismo, entre outros.

A História, como qualquer outro sistema sócio-cultural que informa a codificação textual, é apresentada, como em Craveirinha, através do filtro da ironia, num processo de «catarse»? utilização da literatura como fenómeno cultural capaz também de exercer uma acção profiláctica junto dos seus leitores, dos seus temores e dos seus traumas; radica no conceito aristotélico que essa função, junto do leitor, transcende uma mera dimensão lúdica, para visar questões de ordem moral, ética, social, ideológica, etc.²³ e de exorcismo das forças do mal)²⁴, que subentende a sua apreensão e compreensão profunda para melhor as debater e combater.

²⁰ Eco, Umberto, *Tratado de semiótica generale*, México, Nueva Imagem/Lumen, 1978, p. 124.

²¹ Las Casas, Bartolomeu, *O anticolonialismo europeu*, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1975.

²² Ferronha, António Luís, "Período pré-colonial - Fontes Históricas", in *As Civilizações Africanas*, Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1996, 1ª Edição, p. 55 e *O Comércio Português de Escravos*, 1994, pp. 5-14.

²³ Peters, F. E., *Termos Filosóficos Gregos*, 2ª ed., Fundação Calouste Gulbenkian, 1983, pp. 121-122.

²⁴ Aristóteles na sua *Poética*, 1449b, Lisboa, IN-CM, s.d., p. 110, escreve que a tragédia, «suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções».

A poesia africana de língua portuguesa exporá, no seu tecido de significações, as marcas salientes não só das permutas sócio-culturais entre os mundos europeu e africano, mas também os traços alusivos que caracterizam a genuidade da cultura ancestral africana, com destaque especial na nossa dissertação para o «mosaico» moçambicano: *«se a sociedade moçambicana deve ser encarada como um mosaico de culturas, por que razão há-de haver reservas em resgatar o que, na realidade, a Moçambique diz respeito? Foi sempre prova de inteligência saber aceitar a diferença na diversidade. A democracia nasce da tolerância, mesmo no campo cultural»*²⁵.

É após a primeira guerra mundial que os escritores negros começam a dedicar-se à ficção realista, revelando os novos escritores um imenso respeito pelas suas antigas tradições orais: provérbios, poemas de louvor, contos, mitos, lendas, crónicas históricas, etc.. Inevitavelmente, essa produção é pouco conhecida fora do continente e até mesmo dos grupos linguísticos que a produziram, apesar do valor intrínseco de algumas dessas peças como obras de arte, e não apenas como fragmentos de testemunhos antropológicos ou linguísticos, pelo que mereceriam ser traduzidas para as principais línguas do mundo.

Veja-se para o caso moçambicano o país chope com uma literatura riquíssima e alguns poemas que mereceram um estudo de Ilídio Rocha, que passamos a destacar como um exemplo de resistência daquele povo ao colonialismo, procurando temas para a sua poesia relacionados com a vida da aldeia. Esses temas dizem respeito aos últimos acontecimentos sociais ou políticos importantes, aparecendo como substituidor dos suportes e instrumentos de difusão da arte, da crítica, da informação, das ideias sociais, políticas e de justiça que a comunidade não possuía: o jornal, o teatro, o livro, a tribuna, funcionando como uma espécie de tribunal de consciências. É o caso da revolta dos Chope contra a ocupação administrativa portuguesa e suas consequências, através dos seguintes versos de Comucomo, compostos em 1942:

²⁵ Rosário, Lourenço do, «Moçambique: Uma Literatura em Busca dos Seus Autores», in *Tempo*, Maputo, 25/11/90, pp. 41-42.

*Ah! Tornamos a zangar-nos! É sempre a mesma história.
As raparigas mais velhas têm de pagar imposto.
Natanele, fala ao homem branco para me deixar ficar.
Natanele, fala ao homem branco para me deixar ficar.*

Os dois primeiros versos referem-se ao chamado "imposto de palhota" cobrado pelos portugueses e que, até 1 de Janeiro de 1947, abrangia não só os homens, como continuou depois dessa data a suceder, mas também as raparigas solteiras que, se não pagassem, eram presas para trabalhar de graça como forma de compensação. Os dois outros versos são um apelo público para que o recrutador de mão-de-obra, Natanele, não incluisse o músico na sua lista de "voluntários".²⁶

A situação que acabamos de descrever, a título exemplificativo, da repressão a que eram submetidos os africanos, iria, sobretudo a partir dos meados deste século, após a Segunda Guerra Mundial, conduzir à recuperação da dignidade dos povos africanos, para a qual contribuíram movimentos como os do pan-africanismo e da negritude.

BIBLIOGRAFIA

Teoria literária

Aristóteles (1986). *Poética*, 1449 b., trad., pref., introd., comentário e apêndices de Eduardo de Sousa. Lisboa: Imp. Nac.- Casa da Moeda, p.110.

Eco, Umberto (1975). *Tratado de semiótica generale*. México: Nueva Imagem/Lumen, 1978.

²⁶ Rocha, Ilídio, *Um exemplo de resistência cultural - os Chope de Moçambique*, Instituto de Antropologia - Universidade de Coimbra, 1988, pp. 15-30. Consultámos a este propósito na Biblioteca da Sociedade de Geografia os trabalhos de: Leonor Correia de Matos, *Origens do Povo Chope segundo a tradição oral*. Lourenço Marques: Instituto de Investigação Científica de Moçambique, 1973, 104 p. («Memórias», C, 10); Lerenó Barradas, *Terra da Boa Gente. Aguada da Boa Paz*, Lourenço Marques, Instituto de Investigação Científica de Moçambique, 1969, pp. 6-22 («Trabalhos», 21) e Hugh Tracey, *Chopi Musicians: Their Music, Poetry and Instruments*, London: International African Institute, Oxford University Press, 1949 (Tradução portuguesa de M. H. Barradas, sep. do «Documentário de Moçambique», Lourenço Marques (nº 46-55) X + 273 p. 1949).

Laranjeira, Pires (1985). Neo-realismo e negritude na poesia de Francisco José Tenreiro. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (tese de mestrado, policopiada).

Ngandu Nkashama, Pius (1992). Littératures et écritures en langues africaines, Paris: Harmattan.

Rosário, Lourenço Joaquim da Costa (1990). «Moçambique: Uma Literatura em Busca dos Seus Autores», in Tempo, Maputo, 25/11/90, pp.41-42.

Santilli, Maria Aparecida (1990). «Poesia e praxis na obra de Agostinho Neto», in Letras de Hoje, 80 (Junho pp. 49-58). Porto Alegre: PUC/RS.

Sousa, Luís Manuel M. de (1999). A Construção da Identidade na Literatura Moçambicana. Lisboa: Biblioteca Victor de Sá – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, (tese de doutoramento policopiada).

Vansina, Jan (1961). De la tradition orale, Essai de méthode historique. Tervueren.

Vansina, Jan (1966). La tradición oral. Barcelona: Editorial Labor.

História e Literatura

Bernardi, Bernardo (1974). Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos. Lisboa: Edições 70, p.92.

Castro-Henriques, Isabel (1992). «Re-História da África», in O Lugar e o Papel das Ciências Sociais. Lisboa: Ed. Lusófonas.

Ferronha, António Luís (1996). “Período pré-colonial - Fontes Históricas”, in As Civilizações Africanas. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1ª Edição, p. 55 e O Comércio Português de Escravos, 1994, pp. 5-14.

Ki-Zerbo, G. (1980). *Historia del Africa Negra*, vol. 2. Alianza Editorial: Madrid, p. 317.

Las Casas Bartolomeu et alii (1975). *O anticolonialismo europeu*. Lisboa: Iniciativas Editoriais.

Margarido, Alfredo (1975). In *Anthropologie et Impérialisme* (sob a direcção de J. Copans), Paris, pp.307-344.

Nkrumah, Kwame (1962). "Le Rapport de Galvão", in *Présence Africaine*, Terceiro trimestre: Paris.

Peters, F. E., (1983). *Termos Filosóficos Gregos* (2ª edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.